

12 - J. C. ALENCAR ARARIPE

CADEIRA Nº 12
PATRONO: HERÁCLITO GRAÇA

J. C. ALENCAR ARARIPE

*José Caminha ALENCAR ARARIPE, filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe e de Joana Caminha Gondim Araripe, nasceu em Jardim, no dia 1º de maio de 1921. Fez os cursos primário e secundário no Externato Santa Inês e no Seminário Diocesano do Crato. Diplomou-se Contador pela Escola Técnica de Comércio da Fênix Caixeiral (1944). Pelo Decreto-Lei nº 7.988, de 22.09.45, teve seu título equiparado ao de Bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais. Professor do Curso de Comunicação Social da UFC, foi Chefe de Departamento, presidente da Coordenação e Coordenador de Estudo de Problemas Brasileiros, além de Editor da **Revista de Comunicação.** É membro do Conselho Universitário da UFC; integrou o Conselho Departamental da Facudade de Ciências Sociais e Filosofia, o Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa, o Conselho de Educação do Ceará e o Conselho Diretor da Fundação Televisão Educativa do Ceará; também foi professor da Academia de Comércio Padre Champagnat e de outros cursos do gênero; foi Secretário da Faculdade de Medicina da UFC, tendo ocupado outros cargos administrativos, entre os quais o de Presidente do Grupo de Trabalho que promoveu a readaptação dos funcionários da UFC. Foi Secretário Geral da Presidência do Tribunal do Trabalho da 7ª Região e Coordenador de Comunicação Social da Escola Técnica Federal do Ceará. No jornalismo, foi repórter do **Estado,** chefe da Revisão, Secretário da Redação e Diretor d' **O Povo.** Tem colaborado em vários periódicos, entre os quais o **Diário de Notícias,** do Rio de Janeiro, o **Jornal do Comércio,** do Recife, a **Tribuna do Ceará e o Diário do Nordeste,** de Fortaleza, Em 1951, eleito Vereador à Câmara Municipal de Fortaleza, foi líder da UDN, Presidente da Câmara e Prefeito interino da Capital. Obras publicadas: **A Faculdade de Medicina e Sua Ação Renovadora** (1948), **Nordeste, Pão e Água** (1959), **Do Sonho de Brasília à***

Realidade do Nordeste *(1960),* ***A Glória de um Pioneiro*** *(1965), ensaio biográfico sobre Delmiro Gouveia;* ***O Mundo em Três Dimensões*** *(1967),* ***Gente da Gente*** *(1979),* ***Do Amazonas ao Rio da Minha Aldeia*** *(1986),* ***Jornal na Estante*** *(1986),* ***Luzes no Túnel da Memória*** *(1992),* ***Saltos no Tempo*** *(1992) e* ***No País das Utopias*** *(1993). Conquistou em 1958 o Prêmio Esso de Reportagem da região Norte-Nordeste; no ano seguinte, o Prêmio Herbert Moses; também foi agraciado com o Prêmio Cidade de Fortaleza de Ensaio em 1965, com o livro* ***A Glória de um Pioneiro,*** *que também mereceu o Prêmio Capistrano de Abreu da UFC; conquistou também medalha de ouro no Prêmio Ottocar Rosários, de Buenos Aires, com o ensaio "A América em Face do Desafio do Século". Entre as muitas condecorações de que é portador, podem-se destacar o Diploma de Honra ao Mérito do SENAC; a Medalha de Ouro de Apreciação da Governadoria do Distrito L-15 do Lions Internacional; a Medalha Jurandir Picanço, da UFC; a Medalha de Honra ao Mérito do Liceu do Ceará; o Diploma de Sócio Honorário da Associação de Imprensa de Brasília; a Medalha Tomás Pompeu, da Academia Cearense de Letras; a Medalha Justiniano de Serpa, do Governo do Estado do Ceará; a Medalha do Mérito Pestalozziano; recebeu em 1983 Placa de Prata de Redatores e Funcionários d'* ***O Povo****, ao deixar o jornal onde serviu por quarenta anos. Igualmente foi agraciado com Placa da Escola Técnica Federal do Ceará. Pertence à Associação Cearense de Imprensa, da qual foi presidente em quatro mandatos, voltando ao posto após intervalo de seis anos; ao Instituto do Ceará, à Academia Brasileira de História e a outras entidades culturais, sendo ainda membro da Comissão da Medalha da Abolição. Tratando do seu livro* ***Gente da Gente,*** *assim se expressou Milton Dias: "O estilo e o método dos trabalhos refletem a personalidade do autor, pela maneira escrupulosa com que se aproximou de fontes verdadeiras, pela análise correta, pelas apreciações serenas e seguras, que revelando a óbvia admiração não se perdem em gratuitos exageros. Valem muito, pois, pelo depoimento pessoal, pelo julgamento desapaixonado e judicioso. Há uma clara linha de unidade nestes estudos, fugindo à vulgaridade das biografias corriqueiras, que freqüentemente tombam no plano de cronologia insossa, na monótona sucessão de fatos, sem o colorido com que você enriquece figuras e episódios."*

MERGULHO NO MUNDO FANTÁSTICO DA AMAZÔNIA

"Tudo o que se ouve contar, tudo o que se lê a respeito da grandeza do Amazonas e de seus tributários é incapaz de dar uma idéia de imensidão de seu conjunto. É preciso navegar meses inteiros nessa bacia gigantesca para compreender até que ponto a água ali subjuga a terra. Esse labirinto de águas é bem mais um oceano de água doce, cortado e dividido pela terra, do que uma rede fluvial."

Eis a opinião de Luiz Agassiz, suiço de nascimento e norte-americano naturalizado, expendida no século passado, e que invoco ao regressar daquelas paragens que Eulides da Cunha considerou uma página inacabada do Gênesis. Por lá não passei meses inteiros, como aconselhava o notável naturalista. Fiz uma sortida apenas, que não me tomou mais de cinco dias, mas que me deu pelo menos pálida idéia visual daquele mundo misterioso e colossal.

Era uma viagem há muito acalentada. Quantas vezes já não estivera em Belém e Manaus! Outras cidades do interior amazônico não me eram estranhas, como Macapá, Santarém, Marabá. Andara por Nova Olinda, quando a Petrobrás prospectava petróleo na região. Em barco a motor para duas pessoas, singrara o Madeira, onde chegara de Catalina, para observar também trabalho de perfuração à procura do ouro negro na ilha de Trindade. Que aventura! Contemplara o encontro do Rio Negro com o Solimões que Quintino Cunha decantara em poema famoso; penetrara por igarapés para ver a Vitória Régia; tivera o Tocantins diante dos olhos onde é atravessado pela grande ponte utilizada pela ferrovia de Carajás. Que mais? Talvez ainda retirasse dos arcanos da memória outras relembranças. Que adiantaria, se não compensava a ausência sentida e desejada de navegar no Amazonas?

Uma tarde, em Manaus, embarquei para fazer o trajeto fluvial até Belém. Mal me apossei do camarote é aboletei a bagagem como era possível, tratei de voltar à amurada do navio. Não era de desprezar-se o panorama descortinado. Na área da cidade, próxima ao porto, avultava o belo edifício da Alfândega, que viera

pré-moldado da Inglaterra, na época em que a borracha valia dinheiro. Barcos de pequeno e médio calado, ancorados ou em movimentos de chegada ou saída, emprestavam ao ambiente o colorido e a azáfama próprios da zona portuária. O Negro corria sereno, como se indiferente estivese ao embate que logo mais travaria com as águas do rio-mar.

O meu navio, da Companhia de Navegação da Amazônia, moderno e confortável, contrastava com outras embarcações, cuja precaridade se evidenciava à primeira observação.Eram os gaiolas, de que tanto se tem falado, pelo desconforto, promiscuidade e insegurança, e que são facilmente identificáveis pelas redes estendidas e entrelaçadas no convés e outras dependências. Compõem a cena do drama vivido por cearenses e outros irmãos nordestinos, que de longa data têm demandado os seringais de triste celebridade, e que Ferreira de Castro retratou nas páginas fortes e envolventes do romance *A Selva.*

A viagem oferecia-nos excelentes oportunidades de contemplar o espetáculo impressionante dos rios e das florestas amazônicas. Na proa, o primeiro contacto visual é com a água. Que caudal de imensas dimensões! O espírito está preparado, nem podia deixar de ser assim. Sabe-se que o Rio Amazonas percorre 6.280 Km das cabeceiras ao oceano, mais de três mil no Brasil, sendo sobrepujado apenas pelo Nilo, que tem 6.671 Km. Em certos pontos, a largura é descomunal, como na confluência com o Negro, e que chega a 96 Km. Possui mais de mil tributários, vários deles grandes rios, alguns dos quais comparáveis aos maiores do mundo, como o Volga, na União Soviética, o Missouri, nos Estados Unidos, o Ganges, na Índia, e o Indo, no Paquistão. Pela direita, recebe, entre outros, o Javari, Juruá, Purus, Madeira, Tapajós e Xingu; pela esquerda, o Japurá, Icá, Negro, Jamundá, Trombetas, Paru e Jari. Nos seis primeiros meses do ano, enchem os rios do hemisfério norte, enquanto vazam os do hemisfério sul, invertendo-se os papéis no semestre seguinte. O degelo dos Andes, mais intenso de novembro a julho, é fonte permanente de abastecimento. O Amazonas tinha de ser mesmo o Mar Dulce imaginado por Pinzon. E, por mais advertido que se esteja, são incontroláveis as exclamações de admiração e espanto.

Se a vista se desloca para um lado ou outro, já que as margens não podem ser apanhadas em conjunto, a não ser no contorno distante, depara-se com a floresta maciça, uniforme,

inteiramente impenetrável. De longe, pequena clareira se abre e um casebre é divisado, sem que se note qualquer silhueta humana.

"No Amazonas, tudo é de extensões colossais, um caos de ilhas, um mar de florestas, um oceano de água doce", registrava o alemão Robert Avé-Lallemant, nas memórias da excursão que realizou em 1859, e que foram enfeixadas em dois volumes, sob o título *Viagem pelo Norte do Brasil.*

Céu, água e floresta compõem o cenário, de planura surpreendente. É a chamada planície amazônica. Acima do leito do rio só a mata. As elevações são raras e o ponto mais alto não ultrapassa 300 metros. O encontro com outro navio ou a ultrapassagem de um menos veloz, com silvos de saudação recíproca, quebram a monotonia, que não é tediosa ou geradora de aborrecimentos.

O anúncio de que o navio ia parar na Aldeia da Vieira desperta curiosidade. Afinal, que lugarejo é esse que os mapas não registram e do qual os compêndios não falam? O "Amazonas" quase encosta na margem, é um ancoradouro natural, e salta-se em terra sem peripécias. Duas casas e um barracão, todos de madeira, e um casal que, com a ajuda de uns poucos, fez do local pequeno entreposto, cuja singularidade é a venda de mantas de Pirarucu, peixe de primeirissima qualidade e um dos pratos deliciosos da região. As mantas são preparadas em condições plenamente satisfatórias, apesar dos meios rudimentares empregados. Se uns vão ao comércio, outros avançam um pouquinho na floresta, vêem a seringueira, o cacaueiro, enfim, entram em contacto direto com a natureza exuberante. O calor é insuportável, alguns tiram a camisa, enquanto um dos companheiros sentencia, do alto dos seus tamancos:

— Isto aqui é uma sauna.

Embarcamos, e há um suspiro de alívio na volta ao ar refrigerado. Vamos aguardar agora a outra sensação do dia, a chegada a Parintins, a segunda maior cidade do Estado do Amazonas. Foi o bastante para que as damas se alvoroçassem e tratassem dos atavios de que normalmente não se descuidam. Não era a segunda cidade por que relaxarem na indumentária?

Acredito que se arrependeram dos exagerados preparativos. A temperatura estava muito alta e, na recepção, a garotada que vendia frutas, doces, tapiocas, bolas e pães-de-ló. Parintins é modesta, tem pouco mais de 40 mil habitantes. É uma cidadezinha

como qualquer das nossas. A diferença é que tem o rio aos seus pés. Destacaria apenas o novo templo católico, de avantajadas proporções, e uma torre que ganha altura e é avistada de longe. Para mim, nada a reclamar. Desde que ouvi a advertência, diante das velharias gloriosas de Roma, de que as cidades devem ser vistas como elas são e não como desejávamos que elas fossem, que me tornei ainda menos exigente e mais compreensivo. Tenho me dado bem com esse comportamento e dele retirado bom proveito.

Ao cair do dia, uma senhora passa apressada por mim e não faz segredo do seu açodamento:

— Vou ver o crepúsculo.

Encaminhei-me, sem vacilar, na mesma direção e senti-me recompensado. No Rio Amazonas, até o pôr do sol tem o seu encantamento especial, o astro-rei parece mergulhar nas águas, no horizonte infindo.

No segundo dia de viagem, na rota Manaus-Belém, levantei-me mais cedo. O pessoal da limpeza estava em plena atividade. Na sala de TV, alongo a vista na imensidão do rio, até onde era possível alcançar. Logo em seguida, fixo-me em redor do navio. As águas não eram mais barrentas, eram verdes.

Assim é na Amazônia. Na saída de Manaus, o Rio Negro, as águas escuras, daí o nome que recebe. Depois de algumas horas, as águas barrentas do Amazonas, quando menos espero, o verde claro do Tapajós. A variação não se restringe aos três casos. Se adentrasse no Trombetas, por exemplo, deparar-me-ia com o verde escuro.

Negro, por quê? As suas águas são límpidas, talvez as mais puras da bacia amazônica. A aparência que apresenta decorre da influência exercida pelo leito do rio, onde houve um derrame de rochas basálticas (negras) ou eruptivas. O Amazonas é barrento porque o solo se dilui, registra-se o fenômeno da dissolução das rochas, ou sedimentação, para usar expressão de geógrafos e geólogos. O Tapajós é verde em virtude da decomposição de matérias orgânicas vegetais. Que variedade e contraste!

Passados os primeiros instantes de embevecimento diante do Tapajós, sensação de desagrado me acomete. É que ficara para trás a angustura de Óbidos, onde o Amazonas é mais profundo, o que, evidentemente, não me interessava, e mais estreito, as suas margens separadas apenas por pouco mais de um quilômetro e

meio, este, sim, o objetivo da minha curiosidade não satisfeita porque a passagem por esse trecho do rio se deu pela madrugada e ninguém dela se advertira. Mesmo à noite, a sala do comando será excelente posto de observação.

Óbidos, como outras cidades e vilas do Pará e do Amazonas tem homônimo em Portugal, de onde proveio a designação aqui adotada. O prestígio lusitano sempre foi muito arraigado na região, a partir da expedição de 1616, comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco, contra os franceses, e à qual se seguiram outras ações militares, que desbarataram holandeses, ingleses e espanhóis, interessados em fincarem pé na Amazônia. As entradas que devassaram aquela amplidão foram uma epopéia.

Óbidos também relembra o movimento político mais importante do Pará, no século passado, a Cabanagem, por sinal, contra os portugueses, e que depôs e fuzilou Presidentes da Província e fez milhares de vítimas. Segundo José Veríssimo, em *Estudos Amazônicos,* dos barrancos de Óbidos os cabanos lançavam ao rio os seus inimigos, atados costas com costas. E um dos chefes da Cabanagem, Presidente do Pará em certo período, em 1836, em que Belém esteve sob ocupação, foi o seringueiro cearense Eduardo Francisco Nogueira Angelim, de 21 anos.

O sesquicentenário da Cabanagem foi comemorado no Pará com festas ruidosas. Da programação constou a inauguração, em Belém, de imponente monumento, que constitui mais um adorno à metrópole debruçada sobre a baia de Guajará.

Pela situação estratégica de Óbidos, portugueses e brasileiros, na Colônia e no Império, transformaram-na em fortaleza para deter o intruso, viesse ele das cabeceiras ou da foz do Amazonas. Ainda na II Grande Guerra, o Exército montou canhões e instalou forças militares no local, como medida preventiva contra incursões nazistas.

Pelo Tapajós, o navio demandava Santarém, escala obrigatória. Antes, porém, fundearia em frente à praia de Alter do Chão, para que os passageiros desfrutassem da gostosa areia branca e das delícias de um banho de rio. Alter do Chão, em Portugal, é região famosa pela criação de cavalos. No Pará, é um lugarejo, fica a 32 Km de Santarém, é uma estância de veraneio dos habitantes da terceira cidade da região amazônica e a segunda do Pará. Em barco a motor, os excursionistas e vários tripulantes encaminharam-se para terra firme.

Em outros tempos, não perderia a oportunidade aventurosa. Agora, não; fiquei com alguns poucos a bordo. Bastava-me o agradável panorama descortinado. Se ainda me animava ao passeio, desisti ao ouvir a recomendação de que todos conduzissem salva-vidas. Lembrei-me, então, da advertência de um dos filhos e da preocupação que revelara, com uma predição que não me agradara:

— Papai, o senhor não sabe nadar. Por isso não vá afoitar-se, muito menos exponha mamãe a perigos.

Em Santarém, que tem mesmo jeito de cidade, fomos recebidos com banda de música e um grupo folclórico que fazia exibições no cais, onde se viam também produtos artesanais da terra, com predominância das tradicionais cuias pretas com desenhos de flores. Era domingo, a urbe vivia uma tarde quente e modorrenta. Com uma população de 200 mil habitantes, é o principal entreposto comercial da região. Mas naquele dia, pouca gente nas ruas.

De táxi, animo-me a um passeio. Conversa vai, conversa vem, terminei por saber que o motorista é conterrâneo, filho de Barbalha. O cearense está aqui em toda parte, diz-me ele. Domina 90% do comércio ou talvez mais.

Santarém fica defronte ao encontro do Tapajós com o Amazonas, belo e singular espetáculo, que vale a pena contemplar, se bem que não tenha a nomeada daquele que Quintino Cunha decantou em poema, envolvendo as águas do Negro e do Amazonas, que desta vez não presenciei porque a noite já descera pesada e impenetrável. O Tapajós tenta conservar a sua identidade, forma assim como se fosse um cinturão de segurança, mas a torrente barrenta do Amazonas termina por absorver as águas verdes e claras.

Anuncia-se que o navio vai deixar definitivamente o Amazonas. Ou será que enveredaremos por mais um braço do grande rio, que se esgalha de quando em vez, o recebe denominações autônomas, que facilitam a sua identificação nos mapas de navegações?

Quando saímos do Amazonas penetramos no Tajapuru, nos Estreitos de Breves. Assim chamados porque os primeiros exploradores da área, na época da colônia, foram portugueses pertencentes à família Breves. A travessia dos Estreitos proporciona-nos, sem dúvida, um dos trechos mais bonitos do trajeto fluvial entre Manaus e Belém.

O Tajapuru não tem a imponência do Amazonas, mas é caudaloso e oferece perspectivas que o tornam até aconchegante. As margens são bem mais próximas uma da outra, não há descampados, não se vêem barrancas, a floresta é maciça, as árvores lançam suas copas sobre as águas. Vendo panoramas como aquele é que, muito provavelmente, tenha Euclides da Cunha se referido à luta da flora para salvar a terra, descrevendo com a volúpia de uma linguagem ardente as folhas rijas e agudas que parecem lanças, o lado das margens transmudando-se em solo firme, arbustos-cipós cingindo galhos estirados, como se estivessem preparando a resistência indomável.

A sinuosidade do Tajapuru empresta-lhe encanto especial. Quando menos se espera, desdobra-se em dois ou mais braços, que depois se entrelaçam, formando ilhas de mata virgem. Às vezes, a selva fechava o horizonte, o que me levou, em certa ocasião, a confidenciar a um vizinho, também absorto:

— O rio termina ali adiante.

Só bem perto é que avistei uma saída à direita, mas o navio dobrou (dobrar é mesmo o tempo) à esquerda, e eu não havia divisado a passagem, que surgiu repentinamente. A trama fluvial é realmente empolgante. É a região mais habitada, embora as moradas sejam dispersas, montadas em estacas, verdadeiras palafitas. Quase que a cada curva do rio, surgem canoas, tripuladas por homens, mulheres e menores, que se acercam do navio para recolher donativos lançados em sua direção pelos passageiros. É admirável a habilidade com que manobram. Que temeridade, meu Deus, a dessas crianças que desafiam afoitamente o risco, nem sequer se apercebendo do perigo iminente que os ronda!

Uma aglomeração de casebres e barracões chama-me a atenção. Apliquei a vista e pude identificar instalações de uma serraria. Toros de madeira espalhavam-se nas imediações. O sobressalto da devastação florestal anuviou-me o espírito. Não é que as matas sejam intocáveis, mas o comércio madeireiro tem limites e deve ser acompanhado de cuidadoso reflorestamento, para que não se torne predatório e, com o tempo, se não houver um paradeiro, altamente danoso à Amazônia, ao Brasil e ao mundo.

A viagem está chegando ao fim. Já se realizara a festa de confraternização, em jantar mais cerimonioso e, coincidentemente, com manifestações do regozijo pelo aniversário natalício do

comandante José Ramide Alegre e cordialíssimo congraçamento.

A manhã seguinte trouxe surpresas para alguns desagradáveis. Depois do Tajapuru viera o Pará, agora estávamos na colossal bacia de Marajó. O Catamarã Amazonas, que singrara, plácido e sereno, diferentes rios, começara a jogar. Era a investida no Atlântico e a presença das primeiras ondas. O enjôo, manifestado em passageiros de vários camarotes, movimentou a enfermeira de bordo, a correr de um lado para outro, a fim de atender à clientela visivelmente indisposta.

Marajó, a maior ilha fluvial do mundo, acolheu-nos com banda de música também. A seguir, de ônibus, um passeio pelas ruas de Soure, a cidade principal do arquipélago; visita a uma fazenda de búfalos, a criação predominante da ilha, e que tanto a singulariza; leite à vontade, gostoso, mas nem todos o provaram, é a falta de hábito, que provoca resistência e o temor de reações; a praia bonita e acolhedora de Pesqueiro, que leva alguns grupos a vestirem calção de banho e mergulharem nas águas; almoço de churrasco de búfalo na Pousada Marajoara; se não se conhecesse a procedência da carne não se notaria qualquer diferença; houve, porém, quem não se mostrasse com bastante apetite; grupo folclórico e duas orquestras a executarem música do repertório local, de preferência, o carimbó, com os pares a rodopiarem no salão; por fim, uma excursão pelos campos naturais e fazendas de criatório. Um dia cheio, pode até ser qualificado de extenuante, em virtude do calor e do sol abrasador, mas que valeu a pena vivê-lo em toda plenitude pelas inesquecíveis sensações experimentadas.

De madrugada, o navio zarpa para o porto final. O sono ia tão bom que nem sequer notei a partida. Quando despertei, em plena baía de Guajará, o casario já dominava o cenário. Era Belém, Santa Maria de Belém do Grão Pará.

Afirmou Maupassant que "viagem é uma espécie de porta, por onde se sai da realidade para penetrar numa realidade não explorada, que semelha um sonho."

Foi assim, para mim, a viagem de Manaus a Belém, pelos rios da Amazônia.

Original fornecido pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 — AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859.* Rio de Janeiro, INL/MEC, 1961, v.2.

2 — CUNHA, Euclydes da. Academia Brasileira de Letras. In: *Contrastes e confrontos.* 6. ed. Porto, Artes Gráficas, 1923. p.265-97.

3 — FERREIRA DE CASTRO, José Maria. *A Selva.* 17. ed. Lisboa, Guimarães, 1956, 322 p.

4 — VERÍSSIMO, José. *Estudos amazônicos.* Pará, Universidade Federal do Pará 1970. 256 p.